
A TRAJETÓRIA DE UMA CAMPEÃ OLÍMPICA: O CASO DE JACKIE SILVA

JACKIE SILVA: AN OLYMPIC CHAMPION JOURNEY

Marcelo Luis Ribeiro Silva Tavares¹ e Erik Giuseppe Barbosa Pereira¹

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender a inserção, a permanência e a aposentadoria como jogadora de voleibol da campeã olímpica Jacqueline Silva. Por atuar no voleibol há décadas nota-se que seu legado estende-se para além de uma expressiva contribuição ao voleibol e inclui, com mérito, a afirmação da mulher no esporte. Para atender nosso foco, realizamos uma entrevista semiestruturada com a ex-jogadora, utilizando como base metodológica os referenciais da História oral. Verificamos que a ex-atleta enfrentou e superou muitas barreiras para se inserir e manter-se ativa e com grau de excelência no voleibol. Inferimos que sua trajetória singular é uma referência de sucesso com notória contribuição para a profissionalização do esporte feminino e para a ascensão do voleibol brasileiro e mundial.

Palavras-chave: Esporte. Voleibol. Mulher. História. Profissionalização.

ABSTRACT

The aim of this study is to understand the insertion, permanence and retirement as volleyball player of the Olympic champion Jacqueline Silva. For decades in volleyball, it has been noted that her legacy extends beyond an expressive contribution to volleyball and includes, with merit, the affirmation of the woman in the sport. To meet our focus, we conducted a semi-structured interview with the former player, using as a methodological basis the oral history references. We found that the former athlete faced and overcame many barriers to enter and maintain yourself active with excellence in volleyball. We inferred that her unique trajectory is a reference of success with a notable contribution to the professionalization of women's sport and to the rise of Brazilian volleyball in the world.

Keywords: Sport. Volleyball. Woman. History. Professionalization.

Introdução

Voleibol e mulheres já há muito tempo formam uma parceria importante. Conhecido como o esporte da rede, o voleibol, assim como o tênis, por muito tempo foram modalidades indicadas para as mulheres, pelo menor risco de contato físico com as oponentes. No entanto, a relação entre esporte e mulheres, que sempre testou limites e imposições contribuiu para a superação do argumento biologicista, que historicamente se tornou justificativa para a exclusão e a limitação de determinadas atividades esportivas para as mulheres, como atestam uma série de estudos sobre essa temática que se desenvolveram a partir do final dos anos 1980¹. Foi ao longo desta década também que estudos pioneiros sobre gênero começaram a apontar para participação da mulher como profissional do esporte². Hoje, o campo dos estudos sobre mulher e esporte já é notório no Brasil³ e há cada vez mais pesquisas sobre as especificidades de determinado esporte ou condições culturais que ainda são barreiras para as mulheres-atletas⁴.

Nessa esteira, o objetivo desse estudo é compreender a trajetória singular da atleta brasileira Jaqueline Silva, por meio de seu processo de inserção, permanência e aposentadoria no voleibol. A carreira desta atleta evidencia muitos processos de superação, que pareciam comuns e naturais nos anos 1980, mas para ela e grande parte das atletas de sua geração eram obstáculos a serem superados. Através de muita qualidade técnica e capacidade de argumentação, esta atleta contribui decisivamente para trazer à tona a discussão sobre a igualdade de salários, o apoio de patrocínio e a profissionalização da mulher no esporte.

Destaca-se a trajetória desta atleta por ter contribuído de forma pioneira para problemas que, infelizmente, se ainda hoje persistem, nos anos 1980 eram ainda mais recorrentes.

Neste âmbito, cabe mencionar que as notícias sobre o cerceamento da mulher no esporte, porém, são bem mais antigas, e remontam aos Jogos Olímpicos da Antiguidade grega (776 a.C.), quando a participação feminina era totalmente negada, até mesmo como espectadoras. Foi somente no final do século XIX, nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna (1896), que o Barão de Coubertin permitiu que as mulheres premiassem os vencedores com as coroas do triunfo⁵. Após séculos de proibição, a participação das mulheres em Olimpíadas foi autorizada nos Jogos de Paris (1900), quando o comitê organizador aceitou a participação delas no balonismo, no críquete, na equitação, no golfe, no tênis e na vela⁶.

Nesta mesma época no Brasil, as várias transformações ocorridas durante o fim do século XIX, como a libertação dos escravos, a proclamação da República, a consolidação do capitalismo e o incremento de uma vida urbana, fez com que as mulheres entrassem no mercado de trabalho, em menor número ocupando cargos mais qualificados, como professoras, e em maior escala como mão de obra barata nas indústrias^{7,8}. Cabe notar que exceção no esporte desta época foi a nadadora Maria Lenk, a primeira mulher sulamericana a competir em Jogos Olímpicos, em Los Angeles, em 1932⁹.

Após duas grandes guerras mundiais, o governo brasileiro admitiu que as mulheres pudessem praticar algumas modalidades esportivas, porém, somente aquelas práticas consentidas e que as ajudassem em sua futura condição de mães. Independente da vontade estabeleceu-se assim uma intervenção política de controle que visava preparar os corpos femininos para que ficassem moldados e aptos para a maternidade, a fim de garantir as chamadas futuras gerações do país¹⁰.

As mulheres no Brasil só começaram a praticar o voleibol em 1931, com objetivo recreativo. A participação efetiva só se deu em 1933, nos Jogos da América Central e do Caribe, em San Salvador e, depois, em 1938, quando houve a realização do torneio aberto feminino. Nesse ano, a Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro também realizou um torneio aberto, tendo como vencedor o Botafogo de Futebol e Regatas¹¹.

O voleibol feminino mundial só ampliou sua participação no cenário esportivo a partir da década de 1950, quando o campeonato mundial da modalidade teve início e em 1964, quando o voleibol foi inserido nos Jogos Olímpicos, em Tóquio. Nos Jogos Olímpicos de 1980, o voleibol brasileiro se tornou bastante popular e a seleção feminina começou a chamar a atenção do mundo pelo conjunto de jogadoras talentosas e também muito elogiadas pela beleza e graciosidade, como é comum a mídia atentar para este estereótipo^{12,13}. Foi nesse período também que, gradativamente, se iniciou a luta pela transição do esporte de amador para profissional. A atleta Jaqueline Silva ou Jackie Silva, como é conhecida internacionalmente, participou ativamente desse processo e junto com outras jogadoras da sua geração ajudou a repensar a participação da mulher no esporte¹⁴.

Essa breve recapitulação histórica reitera a inquietação e o inconformismo que muitas atletas tiveram diante do que estava estabelecido. Se na primeira metade do século XX, diante de um cenário profundamente transformado, a mulher brasileira iniciou sua emancipação na sociedade, se inserindo cada vez mais no espaço público e buscando o conhecimento e o reconhecimento dos seus direitos, a partir de 1960, a mulher consolidou essa emancipação. No que tange ao esporte no Brasil, o cenário legal de imposições e restrições direcionado às mulheres só foi modificado em 1979, com a revogação da lei que determinava as práticas consentidas, de 1941, que destinava à mulher apenas a participação em alguns esportes¹⁵.

Este período de abertura política brasileira, no final dos anos 1970, culminou não só com a primeira participação olímpica de uma equipe feminina de esporte coletivo brasileiro, mas trouxe outras conquistas importantes para a seleção como o campeonato Sulamericano

(1981), o segundo lugar no I Mundialito (1982), a entrada dos clubes-empresa no campeonato brasileiro (1983) e a segunda participação olímpica (em Los Angeles, 1984). Nesta importante década para o voleibol, a seleção brasileira feminina se desenvolveu e se mostrou competitiva pela primeira vez.

Assim, do ponto de vista teórico, é importante notar que a ascensão de um expoente na sociedade geralmente se dá em meio de uma geração de igual sucesso, como pontua os estudos da socióloga Vivian Weller sobre a atualidade do conceito de geração de Karl Mannheim, escrito pelo autor em 1928. Para a autora, o conceito de gerações vem sendo rediscutido nas dimensões sociológicas, pois apontam para as desigualdades de gênero e para as diferenças de classe. No entanto, quando Mannheim discorre sobre a noção de vínculo geracional como fruto das experiências vividas na contemporaneidade, inspirada num conceito qualitativo de tempo, ele “chama a atenção para o fato de que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico”^{16:209}. Nota-se que essa abordagem ganha sentido quando verifica-se que a geração de voleibol dos anos 1980 possuía atletas de diferentes idades e que formaram um grupo potente e contestador que redefiniu os rumos do voleibol feminino naquela década e a partir daquela geração. Neste sentido, a ideia de geração ganha destaque com o exemplo do voleibol feminino, e da atleta Jacqueline em especial.

Seguindo essas ideias iniciais, pergunta-se: como se deram a inserção, permanência e aposentadoria da atleta Jaqueline Silva no esporte de alto rendimento? Quais os marcos que atestam a contribuição desta atleta para o desenvolvimento da modalidade e para a profissionalização da mulher no voleibol?

Métodos

Os métodos utilizados neste estudo são aqueles que caracterizam comumente as pesquisas qualitativas e exploratórias, onde a revisão de literatura que relaciona as pesquisas sobre gênero e esporte soma-se, neste caso, com os procedimentos da história oral para coleta e análise da entrevista realizada, cotejando-se a fala da entrevistada com documentos em reportagens de jornais e revistas e, principalmente os dois livros publicados pela própria atleta^{17,18}.

Participantes

Neste artigo destaca-se a atleta Jacqueline Silva não somente por ter participado ativamente da seleção nos primeiros cinco anos da década de 1980, mas, sobretudo, pelo posicionamento contestador que assumiu durante este período, contribuindo para a redefinição dos rumos do voleibol feminino, principalmente no que se refere à profissionalização e à igualdade de direitos com o naípe masculino.

Procedimentos

Os procedimentos utilizados nesta coleta de informações basearam-se na experiência da história oral praticada no Museu da Pessoa²⁰, que entende a entrevista de maneira mais coloquial, como forma de deixar o entrevistado mais à vontade, sem a pressão de gravações de vídeo ou a presença de muitos pesquisadores. Desta forma, foi desenvolvido um roteiro semiestruturado com vinte e seis perguntas organizadas em três seções para subsidiar a técnica da História Oral: (1) a inserção da atleta no esporte; (2) a permanência da atleta na modalidade voleibol e (3) as questões referentes à aposentadoria. A entrevista realizada foi gravada somente em áudio, com posterior transcrição e interpretação das informações, com poucas intervenções gramaticais e estilísticas, de forma que as informações concedidas pela

atleta pudessem ser salvaguardadas e terem seus sentidos ampliados²¹. Assim, reforça-se a ideia de que “toda a história depende, basicamente, de sua finalidade social e, por essa razão, no passado, era transmitida de uma geração para outra pela tradição oral e pela crônica escrita”^{22:20}. Desta forma, seguiu-se as orientações de que “as fontes orais, logo, apresentam memórias que devem ser trabalhadas pelos estudiosos afim de produzirem histórias”^{23:161}. Este era o objetivo central: utilizar a metodologia da história oral para coletar informações fundamentais de uma atleta que vivenciou de forma contundente uma década importante para o esporte. Mesmo que o uso da “história oral” seja relativamente recente ele mostrou-se mais eficaz que o uso de entrevistas clássicas, quando geralmente as falas dos entrevistados correm o risco da generalização. A oportunidade de se compreender a história através do relato de quem viveu intensamente um momento histórico é de grande valia como registro de ideias e impressões de personagens atuantes em determinado contexto que se quer destacar.

Análise de dados

Os dados analisados procuram ampliar a fala da entrevistada a partir do diálogo com a literatura sobre os pilares que estruturam a pesquisa: a inserção, permanência e aposentadoria da atleta, de forma a evidenciar um percurso de desafios, frustrações e conquistas na trajetória especial empreendida pela atleta como profissional de esporte de alto rendimento, que se estende desde os doze anos de idade até hoje, como empresária do setor. Na análise de dados verificou-se que o roteiro traçado com as perguntas divididas em três blocos foi importante para garantir a cobertura de todos os temas que se queria tratar, mas isso não impediu a entrevistada, nem quem fazia a entrevista, de realizar digressões e incorporar novas perguntas ou subtrair outras, que eram respondidas na sequência.

Resultados e Discussão

Com base na entrevista e nas pesquisas previamente desenvolvidas apresenta-se, a seguir, na forma de destaque do texto em itálico e entre aspas, as principais ideias de Jacqueline Silva sobre sua própria trajetória. Seu posicionamento firme diante das dificuldades chamou a atenção de dirigentes, atletas e da sociedade, ajudando a modificar situações que pareciam imutáveis no esporte, além de contribuir para a discussão do papel da mulher que atuava como atleta de alto rendimento nos anos 1980.

A inserção no voleibol

A atleta Jacqueline Louise da Cruz Silva nasceu no dia 13 de fevereiro de 1962, no Rio de Janeiro e desde muito cedo frequentava a praia nos finais de semana acompanhada dos pais: “*Olha, eu frequentava a praia durante os finais de semana com meus pais e nós íamos à praia de Copacabana. O meu pai gostava muito de jogar vôlei e a minha mãe também. Eu brincava com as crianças e a brincadeira era jogar voleibol*”. O relato da atleta ratifica que a iniciação esportiva acontece, na maioria das vezes, por influência da família ou da escola, o que corrobora com os estudos desta natureza^{24,25}, sobre a influência dos pais ou da família na carreira esportiva de atletas.

Por outro lado, Jacqueline não se lembra de ter tido contato com outro esporte antes de escolher praticar o voleibol: “*Não, que eu me lembre, não. Inclusive, eu adorava jogar voleibol. Eu jogava direitinho, desde pequenininha (risos)*”. Ela também afirma que começou a jogar na escola e sempre com a mesma pessoa: “*Na realidade eu comecei na escola, no Colégio Notre Dame e depois eu fui para o Flamengo e em clube mesmo eu só estive no Flamengo, desde 1972 e sempre com o Ênio Figueiredo, que depois foi técnico da seleção brasileira, da seleção carioca. Foi uma pessoa que também trabalhou muito para o*

crescimento do esporte”. O treinador ao qual a jogadora se refere, Ênio Figueiredo, esteve à frente da seleção brasileira entre os anos de 1978 a 1984 e faleceu no ano de 2014.

Com relação ao voleibol de quadra, a jovem atleta iniciou no Colégio Notre Dame e, posteriormente, foi para o Flamengo, clube que a revelou para a seleção brasileira. O início precoce da jogadora, ainda nos anos 1970 renderia uma carreira de sucesso no esporte brasileiro e mundial: *“Minha primeira partida pelo mirim foi contra o Fluminense. Eu estava no banco do Flamengo, com a camisa 10, que me engolia. Recebi a camisa 10 logo de cara, foi uma surpresa”*^{17:13}. O início promissor confirmaria alguns anos depois o talento reconhecido desde cedo, sendo convocada para a seleção brasileira adulta com 14 anos.

A permanência no esporte

O tema da permanência pretende identificar, através do relato da entrevistada, os caminhos percorridos por ela, em especial na década de 1980. Neste período o voleibol brasileiro sofreu profundas modificações, mas a mulher continuava tendo menos visibilidade em relação aos homens, condição que ainda permanece²⁶. Entre outros acontecimentos dos anos 1980 destaca-se a transição do amadorismo para o profissionalismo e a espetacularização da modalidade, com transmissões pela TV aberta de partidas importantes como as dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984¹⁸. Quando perguntada sobre como era ser jogadora de voleibol na década de 1980, Jacqueline relatou que não havia muitas pretensões, ao contrário dos dias atuais: *“Então, o esporte era praticamente um esporte mesmo, não era como hoje, a máquina que tem por trás, com toda a profissionalização. Então, a gente seguia aquelas coisas básicas: entrava na escolinha, no mirim, depois ia para o infantil, o infante, sem maiores pretensões a não ser de vencer o campeonato. Então, a ideia que eu tenho era sempre de um grupo muito unido, de uma equipe que cresceu junta dentro do mesmo clube, de pessoas com um afeto muito grande, uma coisa de camisa, de bandeira muito forte. Não tinham outras questões como tem hoje, materiais, de dinheiro”*. A jogadora se refere ao período do voleibol chamado de “romântico”, quando antes do profissionalismo, os atletas jogavam mais por amor ao clube e recebiam, no máximo, uma pequena ajuda de custo¹⁷.

Ao descrever sua trajetória esportiva, Jacqueline destacou que começou jogando no mesmo colégio que a jogadora Isabel Salgado. Em seguida, se transferiu para o Clube de Regatas do Flamengo e logo chegou à seleção brasileira: *“Eu estudava no Colégio Notre Dame e por coincidência outras jogadoras estudavam nessa escola, inclusive a Isabel. De lá, eu fui chamada junto com outras jogadoras para formar uma equipe dentro do Flamengo e no Flamengo eu fui convocada para a seleção carioca e seleção brasileira (...). Joguei duas Olimpíadas, Moscou e Los Angeles. Joguei pela Supergasbrás, passei pela Recra de Ribeirão Preto, joguei na Itália e depois fui para os Estados Unidos jogar voleibol de praia. Nossa, é muita coisa”*.

Quando perguntada sobre as pessoas que foram importantes para a consolidação da sua carreira, a atleta destacou três treinadores: *“O Ênio Figueiredo, com quem eu comecei a jogar (...). Mas, tiveram altos e baixos, coisas boas e coisas ruins, sabe? Mas, sem dúvida alguma, ele foi uma pessoa muito importante nessa passagem. Teve o Ramon, que era o auxiliar dele, que também foi um cara que ajudou muito, já que ele pegava as categorias de base. Depois o que mais me marcou mesmo foi o último técnico, nos Estados Unidos, que me ajudou a conquistar a medalha olímpica, Pat Zartman”*. Mesmo reconhecendo a importância de Ênio Figueiredo para a construção da sua carreira, Jacqueline ressalta as dificuldades de relacionamento com este treinador, que resultaram em alguns cortes da seleção brasileira por mau comportamento. A ex-atleta ressalta a importância de Ênio e Ramon, mas credencia a conquista da medalha olímpica a Pat Zartman, por ter lhe ensinado a técnica do voleibol de praia e por ter sido o patrono da sua volta ao Brasil para disputar os Jogos de Atlanta, onde o

voleibol de praia foi inserido como esporte olímpico, em 1996¹⁸, o que abriu novas possibilidades de atuação para a atleta.

No que tange aos fatos mais importantes ocorridos na década de 1980, a atleta destacou a transição do amadorismo para o profissionalismo *“era um esporte amador, todos nós começamos como atletas amadores e no decorrer da nossa vivência, que não era nem carreira, porque não tinha carreira, começou a mudança do amadorismo para o profissionalismo, com a entrada dos clubes-empresa”*. Marchi Júnior²⁷ também considera que a década de 1980 foi fundamental para a ascensão do voleibol como esporte nacional, amparado, sobretudo, pela maior visibilidade dada pela mídia. A mesma mídia que tende a reforçar padrões estereotipados dos corpos femininos e da supremacia dos homens no esporte¹².

A partir do interesse no tema sobre a profissionalização no voleibol perguntou-se também sobre a participação dela naquele momento de transição do amadorismo para o profissionalismo e a atleta destacou o momento de tensão existente na época e as consequências que precisou enfrentar por conta de sua decisão em vestir o uniforme de treino pelo avesso para conseguir direitos iguais ao dos homens. Naquela ocasião, as modalidades masculina e feminina tinham o mesmo patrocinador, porém, somente o naípe masculino era beneficiado^{17,18}: *“dentro da parte interna do voleibol feminino havia um questionamento muito grande de como aquilo funcionava, já que parecia que tinha um lado sendo mais beneficiado do que o outro. E como isso não chegava à gente, existia sempre essa questão. E talvez eu tenha sido a pessoa que tenha questionado mais se tinha para um lado por que não existia para o outro”*. Apesar de saber da importância do seu papel neste processo de profissionalização, uma vez que chamou a atenção para o incômodo que a distinção causava às mulheres, Jacqueline reconhece que a sua carreira correu o risco de acabar naquele momento, uma vez que o comando da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) mostrou-se inflexível e o seu posicionamento foi muito contundente: *“(…) eu consegui fazer do limão a limonada. Da maneira que aconteceu era para ter acabado mesmo”*.

Jacqueline considera que a experiência adquirida no voleibol de quadra foi fundamental para o seu amadurecimento e a conquista do ouro olímpico, em 1996. A jogadora destaca que o voleibol foi a base de sua vida *“eu vejo o voleibol como uma coisa muito sólida, concreta e que me posiciona até hoje”* e que a sua busca pela excelência sempre foi o seu diferencial *“eu recebia prêmios individuais, mas não era intencional. Eu jogava para ser a melhor, mas eu gostava muito de aprender. Eu admirava as levantadoras japonesas e chinesas, eu puxava sempre pro ‘top de linha’ e eu levei essa mania para a praia também. Eu fui atrás de quem conhecia a técnica. Eu queria que a minha técnica fosse exemplar”*. Mesmo sendo difícil conciliar as demandas do voleibol com a vida pessoal, Jacqueline sempre priorizou o esporte: *“Ah, se eu tivesse que fazer voleibol, eu fazia voleibol. Era prioridade. Se eu tivesse que ir para a Itália, eu ia para a Itália. Se tivesse que morar nos Estados Unidos, eu morava. Era muito forte, era a minha essência”*.

Com relação à rotina de treinamento, diferenças entre as modalidades masculina e feminina e legado deixado para as gerações seguintes, a atleta apontou fatos curiosos e que justificam a firmeza dos seus posicionamentos. Na opinião de Jacqueline, a rotina de treinamentos da seleção brasileira nos anos 1980 era ineficaz, ineficiente e pouco efetiva, causando muitos comprometimentos físicos para as atletas: *“era todo mundo junto para a mesma roubada. Todo mundo trabalhava tudo. Você não tinha um treinamento específico porque o seu joelho estava bichado, era em série”*. Além disso, ainda que atleta admirasse a geração de jogadores dos anos 1980 ressalta que havia grandes diferenças de tratamento entre a modalidade masculina e feminina: *“nós éramos a parte promocional, a promoção: “compre um e leve dois. Pague por um time e leve dois, mas só quem recebia eram eles”*. Mesmo com

essas diferenças, o voleibol feminino brasileiro dos anos 1980, na opinião de Jacqueline “*era um time visto com potencial, com investimento, que estava sendo levado para os lugares. Mas ainda ia acontecer, era o início de alguma coisa*”. Assim sendo, o que a geração de voleibol dos anos 1980 deixou para as gerações seguintes? No ponto de vista da atleta: “*deixou o caminho. Nós viemos cavando no deserto e elas já entraram no deserto, numa situação diferente, com outra mentalidade, com o profissionalismo que muda a cabeça dos atletas*”.

O tema da permanência de Jacqueline nas quadras recuperou não apenas os clubes pelos quais jogou, os treinadores que foram importantes na sua carreira e os fatos mais importantes na opinião da atleta, mas, sobretudo, como era ser jogadora de voleibol nos anos 1980. Dona de opiniões firmes, a atleta virou o uniforme pelo avesso para reclamar a igualdade de direitos, mesmo reconhecendo o talento da geração masculina. A jogadora também demonstrou orgulho por pertencer a uma geração de jogadoras potentes que questionavam e debatiam sobre o que as incomodava. Consciente de sua determinação para alcançar a excelência, Jacqueline sempre estabeleceu o voleibol como a base para os seus voos e, por essa razão, atribui a conquista da medalha de ouro olímpica às experiências obtidas ao longo das duas olimpíadas que disputou na década de 1980 e acredita que sua geração foi responsável por abrir o caminho para o crescimento do voleibol feminino que acabou culminando nas conquistas dos campeonatos olímpicos de 2008 e 2012¹⁹.

A aposentadoria

O tema da aposentadoria pretende identificar como ocorreu o processo de transição para o momento de parar e também identificar qual o cenário que estava estabelecido para que a atleta pudesse encerrar a sua carreira. Como existem diferenças entre a transição de carreira entre uma mulher comum e uma mulher-atleta recorremos a estudo anterior²⁸ para amparar nossa investigação. As perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres-atletas de voleibol, nem sempre é fácil. É importante que se invista na formação acadêmica de nível superior e se faça um planejamento desta transição, ampliando as possibilidades de inserção social e profissional para quando se aposentar²⁹.

No caso específico de Jacqueline houve duas paradas: a da quadra e a da praia. Como a atleta, desde pequena, sempre jogou na praia, ainda que por diversão, o cenário “outdoor” soava agradável e convidativo. A atleta revela: “*quando fui banida da seleção brasileira de vôlei de quadra e, praticamente, do Brasil, mergulhei de cabeça, resolvi encarar de vez o vôlei de praia dos Estados Unidos e foi assim que cheguei ao topo como a melhor jogadora dos Estados Unidos*”^{18:97}. Portanto, essa primeira transição foi dolorosa por um lado, mas, a única saída que achou para continuar dentro do voleibol.

A atleta afirma que a transição para a parada definitiva ocorreu a partir de um desgaste natural uma vez que “*esse voleibol de praia é muito mais difícil. Você tem que ficar em cima de patrocinador, do parceiro, da equipe. Eu desliguei o automático e falei: não vou mais colocar a minha força nisso, não quero mais, chega*”. Contudo, em relação à parada definitiva propriamente dita “*tem uma hora que é assim que acontece, você continua com o desejo de continuar jogando, mas você não aguenta mais a rotina*” e aí “*você começa a fazer esforço além do normal para buscar a motivação*”.

Mesmo sentindo muitas saudades da época em que jogava, Jacqueline afirma que depois de ter parado de jogar “*você não precisa mais acordar cedo, você não precisa mais ter pressa*”. Por outro lado, quando “*você deixa de ter a disciplina, isso é uma roubada. Você tem que criar uma nova rotina e nem sempre é tão eficaz*”. Mesmo considerando as viagens muito cansativas, uma vez que “*você passa a vida fazendo e desfazendo malas*”, a atleta destaca “*a emoção do jogo (...). Eu jamais vou conseguir fazer isso acontecer de novo. Às vezes eu durmo e sonho que eu estou jogando e acordo com um sorriso enorme e não tem mais como*

fazer o sonho se tornar realidade". Santos, Carvalho e Ribeiro³⁰ verificam que muitos atletas de voleibol relatam a decisão pela aposentadoria de forma voluntária, julgando que pararam de atuar na hora certa. Parece que esta foi também a decisão de Jaqueline.

Mesmo aposentada, Jackie Silva continua envolvida com o voleibol. A ex-atleta tem um projeto chamado "Atletas inteligentes", que promove a formação de novos talentos do voleibol *"Essas crianças nunca jogaram voleibol. No início era só pancada e aos poucos o futebol foi indo para o canto. Hoje todo mundo joga voleibol e você identifica um trabalho de equipe acontecer desde a base"*. Como resultado, *"o comportamento dos alunos foi mudando dentro da escola, o comportamento dos professores também"* e *"o mais legal é que é um trabalho de comunidade, porque essas empresas que investem no projeto precisam desses alunos para serem seus futuros empregados. Eles viram nesse projeto uma forma de educar"*. Esse projeto transformou o estilo de vida de Jacqueline e a conectou ainda mais com o voleibol: *"o vôlei significa a minha forma de viver. Eu não consigo imaginar a minha vida sem o voleibol, sem esse esporte. Ele me dá a base, ele me dá as ideias, ele me faz visualizar as coisas que eu quero"*. E, para a atleta isso é uma forma de continuar jogando: *"hoje eu jogo de forma diferente, jogo para os outros, jogo com os outros"*.

Em suma, como a aposentadoria de Jacqueline ocorreu em duas fases, pode-se afirmar que a primeira, em 1985, quando foi banida da seleção, aos 23 anos, representou uma tábua de impulsão para as conquistas posteriores. A segunda, no entanto, foi motivada pelo excesso de exigências que o voleibol de praia demanda e também pelo esforço físico e emocional que recai sobre o atleta, que precisa buscar motivação constante. Por meio de sua rotina como empresária e atuante em projetos esportivos e educacionais no terceiro setor, a atleta mantém viva sua história com o voleibol, e realiza-se por meio do sucesso de novos talentos para o esporte.

Conclusões

Balizada pelas circunstâncias de seu tempo, a geração de atletas de voleibol feminino enfrentou desafios nos anos 1980 que ainda hoje estão em discussão, como os salários mais altos pagos a atletas homens, as melhores oportunidades de carreira, as perspectivas diferenciadas após a aposentadoria, além das particularidades do universo feminino, temas recorrentes de uma questão ainda em aberto. Verifica-se que a atleta Jaqueline Silva foi atleta com inegável participação na geração dos anos 1980, como podemos observar através de um conjunto de realizações expressivas que podem ser notabilizados passados mais de quarenta anos de dedicação ao esporte.

Sua inserção no voleibol não foi diferente da grande maioria de atletas que se deu pelas mãos dos pais e da família. Entretanto, verifica-se que desde cedo conseguiu superar adversidades que eram típicas de um período em que o voleibol era um esporte amador, com pouco investimento. Durante sua permanência como jogadora da seleção feminina sempre mereceu destaque por sua criatividade e precisão como jogadora, o que lhe rendeu vários títulos individuais internacionais. Sua trajetória interrompida na seleção, em 1985, por força de sua atitude contestadora em prol de equiparação de direitos com os atletas da seleção masculina contribuiu às avessas para o seu fortalecimento como pessoa e jogadora que se reinventou no voleibol de praia nos Estados Unidos, e que ganharia a medalha de ouro olímpica, em 1996.

Longe da rotina de atleta desde 2000, Jaqueline mantém sua forte relação com o voleibol através de uma série de investimentos na carreira de empresária do esporte. Com projeto pioneiro, organizou uma franquia de escolinhas de voleibol de praia que se estende por mais de 25 pontos da orla do Rio de Janeiro. Em 2006 foi a primeira mulher brasileira a

entrar para o Hall da Fama do Voleibol e, em 2009, recebeu prêmio da UNESCO pela sua contribuição ao esporte.

Através do relato da própria jogadora, verifica-se que, face ao cenário amador do voleibol dos anos 1980, a consistência da atleta e sua alta capacidade de superação fizeram de sua trajetória um elemento importante em seus episódios de lutas e superações, que contribuíram para ajudar a redefinir a visão do voleibol como esporte de grande potencial e de alto valor social, que passava do status de amador para profissional naquele período.

Sustenta-se a ideia de que desde seu ingresso como jogadora até sua participação como empresária fazem de sua trajetória um legado singular para o esporte, antes mesmo de sagrar-se campeã olímpica de voleibol de praia, junto com Sandra Pires, em 1996. Sua extensa ação em prol da profissionalização do esporte, demonstram que a contribuição de sua geração e a dela própria representam um marco para a história do voleibol e para a mulher dos anos 1980, que buscava emancipar-se e ser reconhecida por seus talentos e vocações profissionais e esportivas, desafio que ainda se coloca hoje.

Referências

1. Deivid F, Osborne R, Silva ER, Ferreira RC, Saint Claire E, Nery LCP. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motr* 2011;17(1):93-103. Doi:10.5016/1980-6574.2011v17n1p93
2. Hargreaves J. Gender on the sports agenda. *Int Rev Sociol Sport* 1990;25(4):287-307. Doi: 10.1177/101269029002500403.
3. Mourão L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização [Tese de Doutorado em Educação Física]. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho; 1998.
4. Toffoletti K, Palme C. New approaches for studies of Muslim women and sport. *Int Rev Sociol Sport* 2017;52(2):146-163. Doi: 10.1177/1012690215589326.
5. Simões AC. Mulher e esporte: mitos e verdades. São Paulo (SP): Manole; 2003.
6. Carvalho MJ, Cruz I. Mulheres e desporto: declarações e recomendações internacionais. Portugal: Associação portuguesa mulheres e desporto; 2007.
7. D'Incao MA. Mulher e família burguesa. In: Priori MD, editor. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto;1997, p. 223-240.
8. Rago M. Trabalho feminino e sexualidade. In: Priori MD, editor. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto; 1997, p. 578-606.
9. Souza G, Mourão L. Mulheres no tatame: o judô feminino no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ; 2011.
10. Goellner SV. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. [Tese de Doutorado em Educação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1999.
11. Pimentel RA. História do voleibol no Brasil. Niterói: Letras e Versos; 2012.
12. Romero E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. In: III Fórum de debates sobre mulher & Esporte. Mitos & Verdades. Fórum Internacional; 2004.
13. Deivid F, Osborne R, Silva ER, Ferreira RC, Saint Claire E, Nery LCP. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. *Motriz Rev Ed Fis* 2011;17(1):93-103. Doi: 10.5016/1980-6574.2011v17n1p93
14. Valporto O. Vôlei no Brasil: uma história de grandes manchetes. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; 2007.
15. Mourão L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento* 2000;6(13):5-18. Doi:10.22456/1982-8918.11777.
16. Weller WA. Atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Rev Soc e Est* 2010;25(2):205-224. Doi: 10.1590/S0102-69922010000200004.
17. Silva J. Jacqueline, vida de vôlei. Rio de Janeiro: Casa do Escritor; 1985.
18. Silva J. Jackie do Brasil: autobiografia de uma jogadora não autorizada. Rio de Janeiro: Ediouro; 2004.
19. Tavares M. Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980. [Dissertação em Educação Física]. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora; 2015.
20. Henriques RMN. [Internet]. Metodologia de história oral. [acesso em 25 de ago 2017]. A experiência do Museu da Pessoa. Disponível em: https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1329247967_ARQUIVO_historia_oral_rosal_i.pdf

21. Alberti V. História Oral: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; 1989.
22. Thompson P. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
23. Santos JCM, Fortes MDR, Melo VA. Pesquisa histórica e história do esporte. Rio de Janeiro: 7 Letras; 2013.
24. Simões AC, Bohme MTS, Lucato SA Participação dos pais na vida esportiva dos filhos. Rev Pau de Educ 1999;13(1):34-45.
25. Vilani LHP, Samulski DM. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: Garcia SE, Lemos KLM. Temas atuais VII: Educação física e esportes. Belo Horizonte: Editora Health; 2002, p. 9-26.
26. Souza JSS, Knijnik J. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Rev bras Educ Fís Esp 2007;21(1):35-48. Doi: 10.1590/S1807-55092007000100004
27. Marchi Jr W. “Sacando” o voleibol. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí; 2004.
28. Oliveira R, Polidoro DJ, Simões AC. Perspectivas de vida e transição de carreira de mulheres atletas de voleibol. In: Simões AC. Mulher & Esporte: mitos e verdades. São Paulo: Manole; 2003, p. 177-191.
29. Jornal da USP [Internet]. As mulheres e o direito ao esporte. [acesso em 25 de ago 2017]. Disponível em: <http://jornal.usp.br/artigos/as-mulheres-e-o-direito-ao-esporte/>.
30. Santos R, Carvalho A, Ribeiro M. Carreira no esporte: da iniciação à aposentadoria. Col Pesq em Educ Fís 2014;13(3):57-64.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ORCID dos autores:

Marcelo Luis Ribeiro Silva Tavares: 0000-0001-5548-8486

Erik Giuseppe Barbosa Pereira: 0000-0001-8129-4378

Recebido em 13/11/17.

Revisado em 02/05/18.

Aceito em 21/08/18.

Endereço para correspondência: Marcelo Luis Ribeiro Silva Tavares. Prédio da EEFD - Escola de Educação Física e Desportos – Departamento de Jogos, Telefone (21) 3938-6804. Av. Carlos Chagas Filho, 540. Cidade Universitária-RJ - CEP 21941-599. E-mail: marcelostavares@globocom